



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

A espiritualidade conjugal

Para os Conselheiros Espirituais: 2

8/09/2015

As Equipas de Nossa Senhora são um movimento de espiritualidade conjugal. “Espiritualidade conjugal”: que sentido atribuímos a estas duas palavras tão frequentemente usadas? Não é fácil responder. No entanto, vou tentar. Faço-o, claro, com a ajuda de equipistas com quem discuti esta realidade essencial para os casais cristãos. Diga-se desde já que a espiritualidade conjugal descreve o caminho que o Senhor abre aos esposos para irem a Ele, fonte da felicidade e do amor. Como é que Ele os conduz? Através do amor que eles partilham, o amor humano, o amor que Ele santifica progressivamente pela sua presença. O sacramento do matrimónio é o sinal forte e eficaz dessa graça que enfrenta os obstáculos.

Para descrever essa espiritualidade, partiremos, evidentemente, da realidade do amor e do sacramento do matrimónio. A seguir, veremos como o Pe. Caffarel quis que o nosso Movimento estivesse ao serviço do amor conjugal: a Carta. Por último, analisaremos três realidades que acompanham o matrimónio: a viuvez, os Intercessores e a oração específica dos cristãos casados.

I. O caminho de santidade

1. As duas fontes da espiritualidade conjugal

O amor humano

Para começar, permitam-me que vos fale um pouco de Louis e Zélie Martin, os pais de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face, o segundo casal a ser beatificado.

Nunca será demais repeti-lo: assim como, para o sacramento da eucaristia, é preciso o pão e o vinho, elementos bem concretos e fundamentais das nossas vidas, é preciso o amor humano, em toda a sua realidade, para que possa haver sacramento do matrimónio. Deus vem, encarna na nossa humanidade.

Louis e Zélie Martin amaram-se apaixonadamente. «*Longe do meu marido*, escreve Zélie a Louis, *sou como os peixes fora de água; já não estão no seu elemento, têm de morrer!... Sinto-me desconfortável... No entanto, escuto a voz da razão e procuro ultrapassar essa angústia! Tenho pressa de estar contigo, meu querido Louis. Amo-te com todo o meu coração, e sinto ainda redobrar o meu afecto pela privação da tua presença. Ser-me-ia impossível viver longe de ti!*». Se estas linhas, tão sinceras, simples e verdadeiras, nos sensibilizam é porque elas poderiam ter sido escritas por muitas outras pessoas. Tenho amigos que mantêm a sua correspondência do tempo de namoro, cartas que guardam tesouros. De Louis e Zélie pode falar-se de «*uma santidade comum*». O seu



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

amor, de uma ternura maravilhosa, associa-se ao amor de tantos homens e tantas mulheres que, pelo mundo fora, enveredaram pelo caminho do amor.

E esta é, desde já, a realidade em que pode crescer uma espiritualidade conjugal: a realidade de um amor. Quer esse amor seja sereno e sem nuvens quer atravessasse tempos difíceis ou mesmo tempestades, esse amor existe e procura o seu caminho para unir o homem e a mulher. O Cântico dos Cânticos, que poderia ser lido como um texto meramente humano e poético, exprime bem a dignidade, o poder, a tenacidade, através de todos os obstáculos, do amor humano «forte como a morte». **Quando o amor humano existe, pode nascer a espiritualidade conjugal.** Voltemos a Louis e a Zélie Martin.

O amor de Deus

Por que se amam tanto? Louis queria entregar-se à vida religiosa: não foi aceite. Zélie queria entregar-se à vida religiosa: não foi aceite. Decepção para ambos, cujo futuro parecia bloqueado... como outrora, na Bíblia, o jovem Tobias e a jovem Sara: não se conheciam, viviam a centenas de quilómetros um do outro... Mas Deus fez com que se encontrassem! Deus é o senhor do amor. Assim, Louis e Zélie encontraram-se, ou melhor, cruzaram-se um com o outro ao passar por uma ponte em Alençon. Tudo nasceu ali! Mais tarde, ela dirá como ficou impressionada com a boa aparência de Louis, mas uma voz interior disse-lhe: **«Foi este que preparei para ti»**. O amor impôs-se-lhes como uma evidência, como uma fonte de felicidade e de liberdade. Louis e Zélie casaram-se e devem ter ouvido o que a liturgia sempre expressou de várias maneiras: **«Diante de Deus, que é fonte do amor, trocai os vossos consentimentos»**.

Por que se amam tanto? **Deus é fonte do seu amor.** Para compreendermos a espiritualidade conjugal, temos de ter presentes as suas duas fontes: o amor humano e o amor de Deus. Zélie ficou cheia de admiração e maravilhada ao ver Louis a atravessar a ponte de Alençon. O deslumbramento é fundamental no amor. Lembro-me de um jovem, muito sensível a todas as qualidades humanas e cristãs da sua namorada, que me dizia: «Não consigo orgulhar-me dela, entusiasmar-me por ela, ela não me deslumbra». Acabou por compreender, e ela também. Faltava um arrebatamento. Separaram-se. Ela acabou por encontrar outra pessoa. Quanto a ele, agora não pára de me dizer acerca daquela com quem se casou: «Sim, admiro-a profundamente!».

Mas Zélie ouviu também no seu coração uma voz interior, a de Deus, é claro: **«Foi este que preparei para ti»**. Reparem bem, a voz interior não disse «...que escolhi para ti» – como se se tratasse de um casamento mediante apresentação, o que, sem dúvida, seria correcto; não, o que ela ouviu foi «...que **preparei** para ti». Deus tinha um desígnio para estes dois jovens sedentos de uma vida com Deus: não a vida religiosa, mas o casamento. Na verdade, iam dar à luz filhas carmelitas, iam dar à luz Santa Teresinha do Menino Jesus. Mas toda a vida de ambos o testemunha: Louis e Zélie amaram-se muito. O desígnio de Deus para eles é a sua felicidade, o seu amor conjugal. Louis e Zélie passaram por muitas provações, mas amavam-se.

Estas são as duas fontes da espiritualidade conjugal: o amor humano e o amor de Deus, inseparáveis um do outro. Bem o sabemos: ainda hoje há homens e mulheres que se querem amar e amar a



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Deus, circunstância que está no centro da vida de muitos membros das Equipas de Nossa Senhora. Mas temos ainda de tornar mais clara essa espiritualidade: ela deriva do sacramento do matrimónio.

2. O sacramento do matrimónio, caminho de santidade

O amor de Deus encarna no amor humano

O matrimónio é um caminho de santidade. Um caminho em que Deus faz desabrochar um homem e uma mulher. Na liturgia do matrimónio, a primeira linguagem utilizada é a da criação. No livro do Génesis está escrito: «**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher**» (1,27). A imagem de Deus não é, portanto, uma única pessoa, o casal é que é «imagem de Deus»... O amor que circula no casal é que é imagem do amor que circula em Deus. Ou seja, Deus, ao criar o homem e a mulher, põe-nos como que frente a frente com Ele, e o que é mais maravilhosos é que o amor que circula n'Ele, Deus Trinitário, esse mesmo amor circula entre o homem e a mulher. Amor absoluto, eterno em Deus! Grandeza do sacramento em que o amor de Deus encarna!

Esta circulação do amor divino no amor humano expressa-se de muitas maneiras na vida do casal. **As relações conjugais**, com o que têm de intimidade, de delicadeza, de respeito, devem ser vividas à luz da semelhança com Deus. A sexualidade, que durante muito tempo foi subestimada, é um elemento constitutivo do amor de Deus no sacramento do matrimónio. Como o amor exige o dom de si, a relação conjugal tem essa exigência e essa verdade. Se o Pe. Caffarel fez um inquérito acerca deste tema junto das Equipas, foi porque via nos casais a aspiração a viver essa felicidade. Ele também descobriu as dificuldades dos casais em se amarem. Matrimónio, caminho de santidade: a palavra *caminho*, neste contexto, faz todo o sentido. As relações conjugais, como tudo na terra, aprendem-se, humildemente, com muito amor e muita esperança.

Oiçamos o Pe. Caffarel: «*O amor é uma realidade muito grande e muito santa, que tem as suas raízes na parte mais física do ser, mas que deve desabrochar na mais espiritual. Esse amor humano de um homem e de uma mulher um pelo outro, mesmo quando se situa em zonas exteriores, é uma introdução a um amor completamente interior. Somos feitos de maneira que o sensível inicia o espiritual. A sexualidade é um incitamento a sair do egoísmo, uma orientação de um para o outro de dois seres que corriam o risco de permanecer cada um encerrado na sua torre de marfim. Esta atracção física – bem vivida, entenda-se – faz com que os seres se unam e, pouco a pouco, acedam a um amor de um nível cada vez mais elevado, até esse amor banhado pelo amor de Deus a que se chama caridade*» (H. Caffarel, *Le mariage, aventure de sainteté*, Parole et Silence, Paris 2013, p. 188. Cf. *Anneau d'Or* n° 111-112, «Le Mariage, ce grand sacrement», mai-août 1963, pp. 323-339).

Sim, o amor humano habitado pelo amor de Deus é absoluto, eterno, indissolúvel, mas vai sendo descoberto progressivamente, cresce e purifica-se, pode passar por momentos de escuridão. Mas o amor é mais forte do que a morte pelo poder do sacramento do matrimónio. A graça do sacramento é tenaz. A esperança existe mesmo: Deus conduz o casal até à realização de tudo, do corpo, da alma, do coração de cada um, tanto quanto é possível nesta terra.



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O sacramento da aliança entre Cristo e a Igreja

O Pe. Henri Caffarel confessou um dia que, no início, tinha feito os jovens casais andar ao pé coxinho! «*Eu falava-lhes de amor mas também há a renúncia*». Disse exactamente: «*Não há amor sem abnegação... Não há abnegação sem amor*». Se a Igreja emprega a linguagem exuberante da criação na liturgia do matrimónio, continua também a dizer que o matrimónio é «**o sinal da aliança entre Cristo e a Igreja**». Esta aliança realizou-se na cruz. São Paulo diz: «*Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela*» (Ef 5,25). A cruz está no centro de todo o amor.

Neste contexto, o longo caminho de conversão a Deus e ao outro ganha todo o sentido: há trevas a atravessar: passar pelas provações que são inevitáveis na vida a dois, ultrapassar as dificuldades de carácter, vencer as crises que podem surgir sem que se espere... resistir quando tudo parece desmoronar-se... Sim, não há vida conjugal sem dificuldades, assim como não há vida sacerdotal sem momentos difíceis a atravessar.

Oiçamos mais uma vez o Pe. Caffarel a mostrar as feridas na vida do casal e também como o Senhor as cura através da união do casal.

«Muito rapidamente, o amor encarrega-se de desenganar os jovens esposos. À ilusão exaltante de ter escapado à condição de homens pecadores, em breve se sucede a descoberta do mal, no próprio centro da sua união. Onde se julgava encontrar a comunhão, há a opacidade; onde se pensava descobrir a complementaridade, há a incompatibilidade; onde se supunha existir o dom, há a avidez; onde se imaginava situar-se a pureza, há a insurreição do instinto. O mal manifesta a sua verdadeira capacidade de dividir. Fomenta a divisão entre marido e mulher e, em cada um dos cônjuges, entre o amor humano e o amor divino.

*«Então, é grande a tentação de acusar o amor de impostura. Nesta hora decisiva, se os esposos cristãos procurarem nas Escrituras, fazem uma descoberta fundamental: são pecadores, e a sua união não é um pedaço do céu no meio de um mundo despedaçado, mas uma realidade ferida. Por isso, não será um benefício irrelevante o facto de as decepções e os fracassos encontrados na sua união [...] os levarem a tomar consciência, como nunca antes e **como sem dúvida só os fracassos o podem fazer, da sua condição de pecadores**. Nessa altura, deixarão de duvidar que o seu amor seja incapaz por si só de se salvar».*

Estas palavras do Pe. Caffarel seriam muito pessimistas se não fossem seguidas de uma grande luz que constitui o coração do sacramento do matrimónio e da espiritualidade conjugal. E ele continua:

*«A caridade em acção vai progressivamente operar a metanoia, a conversão de todos os elementos da comunidade familiar. **Transformação longa, lenta, profunda, ao longo dos anos e dos acontecimentos**. Conversão gradual do amor conjugal em caridade, de uma sexualidade captativa numa sexualidade oblativa, conversão também do amor paternal e maternal, tão misturado, inicialmente, com complacência, com instinto de posse e de domínio.*

«Assim, pela caridade, Cristo trabalha para curar e santificar o casal até às suas profundezas. É a Ele que cabe a iniciativa, mas não realizará a sua obra sem a participação dos esposos, cuja união



Equipas Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

é o meio que Ele pretende utilizar para os santificar. Mas os esposos têm de ver bem o que devem ser as suas relações mútuas. Muito mais eloquente do que todos os livros, do que os tratados de direito natural, a sua referência será a união entre Cristo e a Igreja. Esta referência é a que São Paulo propõe aos efésios, ao esclarecer os deveres recíprocos do marido e da mulher».

Estas palavras são muito importantes, pois revelam que a espiritualidade conjugal é a maneira como a graça do sacramento do matrimónio se desenvolve ao longo dos anos. **O Senhor trabalha o casal, condu-lo à santidade por meio da união do casal.** É a sua união que faz o casal avançar com alegria, com tristeza, mas com segurança. Deus faz nesta união a sua morada, porque o seu amor encarna no amor conjugal. Trata-se realmente de um caminho de santidade, pois a santidade – que, na terra, não é a perfeição – é a realidade habitada por Deus.

O Pe. Caffarel demonstra de forma clara que o matrimónio é o meio pelo qual Deus conduz o casal à santidade. Ele insiste dizendo que a santidade do matrimónio não é a imitação da vida dos monges nem mesmo a fuga às realidades deste mundo... Recordemos a sua resposta aos primeiros casais que lhe foram pedir ajuda, em 1939: *«O padre tem o seu sacramento próprio. O sacramento do matrimónio... temos que admitir que o conhecemos muito mal. Procuremos juntos».* Já tinham sido feitas pesquisas, entre as quais o grande testemunho de São Francisco de Sales na sua *Introdução à vida devota*, na qual já fala da santidade dos casais.

Digamo-lo mais uma vez: **a espiritualidade conjugal do Pe. Caffarel é construída não a partir da vida monástica mas a partir do estado de vida dos casais, com as suas exigências, as suas dificuldades, as suas graças.** Essa espiritualidade convida os casais a viverem como um único e mesmo amor a sua união conjugal e o seu Amor a Cristo. A Carta, de que vamos falar agora, está ao serviço dessa espiritualidade. A Carta é entregue aos equipistas para que os casais se possam ajudar uns aos outros no caminho da santidade, ou seja, no caminho que conduz à felicidade de Deus, ao Deus de Amor.

II. A Carta, 1947

A exigência é a marca distintiva das Equipas de Nossa Senhora. O Pe. Caffarel tinha o sentido do esforço. Padre da diocese de Paris, é, contudo, de origem lionesa, uma região de França em que o sentido do trabalho, o esforço e também o êxito são vividos, sempre na discrição.

Em Lyon, as pessoas não se gabam. Caffarel é lionês. Com as equipas a multiplicarem-se, a tentação, ligada ao êxito, seria tornar-se mais mole, menos zeloso. Ora, **o objectivo das Equipas é a santidade, «nem mais nem menos»**, continua a repetir o Pe. Caffarel. A santidade não é um sonho inatingível. Mais tarde, o Concílio Vaticano II falará da *«vocação universal à santidade»*, qualquer que seja o estatuto da pessoa na Igreja: o baptismo não tem senão uma finalidade: levar-nos a Deus, não viver senão para Deus, senão de Deus, no amor ao próximo. A santidade não consiste em não ter defeitos. Não! A santidade é viver de Deus. Serão necessários muitos esforços, um longo caminho, quedas e progressos, lágrimas e alegrias... Mas o motor dessa longa labuta é o desejo de viver com Deus.



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

1. Os dois objectivos da Carta

A Carta tem dois objectivos: ser um remédio contra a tibieza e um método firme para chegar à santidade do matrimónio.

O remédio contra a tibieza

As Equipas espalharam-se rapidamente. Chegou também a tentação da tibieza. As Equipas existem para que nós, padres e casais, possamos progredir no caminho da santidade. O Pe. Caffarel ficou preocupado. Era preciso **impedir que as Equipas se atolassem na boa camaradagem, sem um objectivo forte**. O Pe. Caffarel encontrou o remédio: a Carta, que foi promulgada pelo próprio Pe. Caffarel a 8 de Dezembro de 1947, na cripta da igreja Saint-Augustin, em Paris.

Escutemos o testemunho de Charles e Elisabeth Rendu:

«Acontecimento memorável. O padre estava tenso, ansioso por convencer, porque sabia que ia provocar a desunião. Com efeito, enquanto cada vez mais casais, mais ou menos motivados, queriam beneficiar dos seus ensinamentos, do seu carisma pastoral, o sentido da sua apresentação era: “A partir de agora, só poderão seguir-me, logo, fazer parte das Equipas de Nossa Senhora, apenas os que tiverem aceite as obrigações desta Carta”». Palavras claras e assertivas.

Por que é que o Pe. Caffarel receava a desunião? Por uma razão evangélica: para seguir Cristo, há escolhas a fazer, rupturas a realizar, atitudes a tomar... e é necessário muito amor. Amar a Deus e amar o cônjuge sem meias medidas. O Pe. Caffarel receava que as Equipas de Nossa Senhora caíssem na armadilha de um «suave ronronar», segundo a expressão de Francis e Geneviève Baecque, também eles testemunhas dos acontecimentos de Dezembro de 1947. A amizade nas Equipas é boa, mas é preciso irem juntos a Deus, subirem aos cumes da santidade pelo caminho aberto por Deus no sacramento do matrimónio.

Com alguns casais (Gérard e Madeleine d’Heilly, Charles Rendu, Pierre e Geneviève Poulenc), o Pe. Caffarel redigiu a Carta depois de a ter testado durante dois anos com esta equipa. A Carta pretende dar **«uma direcção firme, orientações precisas e um quadro forte»**, segundo as palavras de apresentação do Pe. Caffarel.

Uma ajuda à fidelidade no matrimónio

A Carta não pretende responder apenas à tentação da tibieza. Quer também dar um enquadramento às Equipas para que elas perdurem no tempo e para que os casais possam entretajudar-se na fidelidade ao seu matrimónio.

Relembremos aqui **o que é um carisma**: *um dom que Deus dá a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, que se concretiza numa instituição duradoura para o serviço da Igreja e da sociedade. Por exemplo (perdoem-me por apresentar um exemplo francês...): o dom da reconciliação dado a Roger Schutz, pastor protestante, que se concretiza numa instituição, Taizé, para o serviço da Igreja, das*

Igrejas e para o bem da sociedade, visto que muitos jovens vêm de todo o lado e ali encontram dinamismo; instituição duradoura... mesmo depois da morte do fundador. Poderíamos, claro, falar de São Domingos, que recebeu o dom da pregação: carisma que se concretiza numa instituição, a Ordem dos Pregadores – instituição duradoura, já que este ano celebramos o seu oitavo centenário...

O Pe. Caffarel interroga-se: Como é que essas instituições atravessaram séculos? Querirá ele um futuro assim para as Equipas? O seu objectivo é preciso: ele quer um futuro sólido, forte, duradouro para os casais e para a entreatuda que as Equipas devem prestar. Esta é que é a questão. Ora, o que preservou as instituições cristãs foi a sua regra, as suas Constituições, o enquadramento forte, que as orientaram sempre para a fidelidade em relação ao que Deus quer. É preciso, pois, entregar às Equipas esta Carta, que será sempre para elas a sua referência, a sua unidade, o que lhes permitirá voltar regularmente às fontes.

2. A recepção da Carta

A desunião

O receio do Pe. Caffarel tinha fundamento. Houve desunião. Um terço dos equipistas deixou o Movimento. Os imperativos eram demasiado duros, demasiado altos, e também demasiado «impostos», dizia-se. A Carta não foi compreendida no seu propósito. Para esses, o Pe. Caffarel lançou, em Outubro de 1949, «Les Foyers Chrétiens» (Os Casais Cristãos): rapidamente esses grupos desapareceram, devido à incompreensão por parte de um grande número de pessoas.

Por que é que os outros não deixaram as Equipas? A resposta é simples. Tal como aqueles que partiram, os que ficaram não compreenderam verdadeiramente o objectivo do Pe. Caffarel. Mas **confiaram nele**. O Pe. Caffarel tinha-lhes mostrado a luz do matrimónio... Um dia, pensavam eles, verão o que o Senhor quer. No evangelho de São João, conta-se que grande número de discípulos já não suportava a doutrina de Jesus sobre o pão da vida: muitos abandonaram-n'O. Terão os Doze compreendido melhor? Provavelmente não! Mas confiaram em Jesus. Pedro disse: «*A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna*» (Jo 6,68). No caso da Equipas, passou-se qualquer coisa de semelhante. Os equipistas confiavam naquele que os conduzia. E não ficaram decepcionados.

A “subida”

Para perceber melhor a Carta, vejamos como os primeiros equipistas brasileiros viram o trabalho a fazer nas Equipas. Lembramo-nos de que Pedro e Nancy Moncao andavam à procura, para eles e para outros, de uma espiritualidade em que se desenvolvesse o amor a Deus e o seu amor em casal. Um dominicano canadiano, o Pe. Marcel-Marie Desmarais, pregador muito popular que esteve no Brasil de 1944 a 1947, falou-lhes do que se procurava em França. Depois de ter lido o *Anneau d'Or*, Pedro Moncao escreveu ao Pe. Caffarel. Foi este o início das Equipas no Brasil. Também ali foi preciso manter a fidelidade às exigências.

Pedro e Nancy Moncao resistiram à **tentação de se adaptar a uma aspiração mais flexível de vida em equipa**, ao desejo de ter temas não demasiado elevados. Pedro escreveu ao Pe. Caffarel a 18 de



Equipas Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Janeiro de 1951: «A nossa grande dificuldade é a falta de formação religiosa da grande maioria dos católicos entre nós. Talvez haja algumas simplificações a fazer, em particular nos temas de estudo que o senhor propõe às equipas. Pessoalmente, não sou dessa opinião. Penso que a subida exige um esforço. De resto, entramos para uma equipa para darmos as mãos uns aos outros. Alegam-me que o esforço deve ser proporcional às forças de cada um. E eu respondo que a equipa existe para multiplicar essas forças... Tanto mais que, quando estamos em equipa, temos a força que nos vem do alto e que não nos faltará, se soubermos, humilde e profundamente, fazer a nossa oração».

O Pe. Caffarel respondeu-lhe a 18 de Fevereiro do mesmo ano de 1951: «Tem toda a razão em ser exigente. É evidente que não se devem impor exigências excessivas ou prematuras, mas é importante que, de uma reunião para a outra, de um ano para o outro, se façam progressos. É óbvio que uma equipa que não avança recua».

Esta Carta, como pretendeu o Pe. Caffarel e como foi bem compreendida pelos primeiros equipistas brasileiros, os Moncao, não é um caminho impossível de seguir, um apelo ao voluntarismo furioso... Não, a Carta está ao serviço das Equipas, que querem ser, antes de mais, uma «entrejuda». A entreajuda é a palavra-chave! Juntos, havemos de chegar lá. Uma equipa avança, recua, avança e pode ultrapassar grandes dificuldades. Como qualquer célula da Igreja.

A Carta comentada pelo Pe. Caffarel

O P. Caffarel esclarece que a Carta não tem qualquer originalidade quanto ao objectivo. O matrimónio é caminho de santidade. Tudo está dito e tudo é conhecido. As Equipas são uma entreajuda para que o sacramento do matrimónio seja vivido. Mas afirma que **o que é original na Carta são os meios, os pontos concretos de esforço**. Conhecemos bem estes pontos concretos: são como meios **para que a graça do sacramento do matrimónio se desenvolva cada vez mais**. Alguns equipistas têm-me feito muitas vezes esta confidência: «Se não estivéssemos nas Equipas, já nos teríamos separado há muito tempo». O dever de se sentar, que permite que o casal fale regularmente em profundidade, tal como a entreajuda na nossa reunião de equipa são apoios poderosos. A Carta é verdadeiramente o «quadro forte» desejado pelo Pe. Caffarel, um enquadramento que permite aos equipistas atravessar tempestades, certamente, mas, sobretudo, que leva os casais a progredir de purificação em purificação para chegar a uma grande felicidade: amarem-se um ao outro como o Senhor nos amou.

Como se vê, a espiritualidade conjugal é a do sacramento do matrimónio. O objectivo do Pe. Caffarel foi dar aos equipistas «meios» – a palavra é dele – para viverem o sacramento com felicidade, para caminharem no caminho da liberdade.

A partilha

Toda a gente conhece **o dever de se sentar**. Este “dever” nem sempre é um “prazer”, como há quem pense, porque, por vezes, é preciso coragem para se falar em verdade. Mas que força este dever dá quando, mês após mês, ano após ano, ele é vivido ! Quando sobrevém uma crise, o hábito de se falar em profundidade ajuda a atravessar o que teria podido parecer intransponível sem esse diálogo profundo.



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Mas é preciso insistir na partilha em equipa. **É aí que cada um exprime, com delicadeza e respeito, a sua caminhada espiritual, a sua procura de Deus.** Em poucas palavras, as nossas hesitações, as nossas lutas, as nossas conquistas e também as nossas vitórias são apresentadas aos membros da equipa. É a partir da base que a união da equipa se realiza, através da procura de Deus, da graça que Deus dá a cada um num dado momento. Este é seguramente o momento mais discreto mas também o momento que mais profundamente une a equipa.

Note-se que há muitos movimentos que conhecem o pôr em comum ou o estudo de um tema e, sobretudo, a oração em conjunto; já a “partilha” é um elemento específico das Equipas de Nossa Senhora.

III. A Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição

A viuvez consagrada

Como sabemos, **tudo começa no sacramento do baptismo**, em que cada um de nós se torna filho de Deus. Fazendo parte da nossa vida, o Senhor vai-nos ensinando progressivamente a **pôr em prática os dois mandamentos, o do amor a Deus e o do amor ao próximo.** Esta é a regra para todos. De entre todos os baptizados, uns casam-se, outros entram na vida religiosa ou recebem o sacerdócio, outros ainda ficam solteiros. Seja como for, todos devem viver a vida baptismal, de onde tudo decorre.

É preciso, então, olhar a vida em todo o seu desenrolar: **na sequência do sacramento do matrimónio, vejamos agora a viuvez.**

1939. Alguns casais jovens pedem ao Pe. Caffarel que os ajude a viver o seu sacramento do matrimónio. **1942.** Algumas jovens viúvas de guerra vão pedir ao Pe. Caffarel que as ajude a viver a sua viuvez como as tinha ajudado a viver o seu matrimónio. O Pe. Caffarel responde como sempre: «Procuremos juntos!». Setembro de 1943. Retiro em Lourdes, no Centre de l'Assomption, para cerca de trinta viúvas. O Pe. Caffarel recebe-as todas, mas entre elas, sete, que não se conheciam, vão independentemente, umas das outras, ter com ele para lhe dizer que **se sentiam chamadas a entregar-se totalmente a Deus**, mas que a vida religiosa era impossível, visto terem filhos pequenos... Que fazer? O Pe. Caffarel reúne essas sete viúvas e propõe-lhes descer à Gruta para pedir à Virgem Maria que interceda junto do Senhor para que possam descobrir o que o Senhor espera delas: isto passava-se na tarde de 8 de Setembro de 1943. Esse dia de oferenda à Virgem é considerado como o acto fundador da Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição.

Para aquelas viúvas e para o Pe. Caffarel foi o início de um longo caminho de maravilhosas e profundas descobertas. Nascia a Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição. **Aquelas viúvas, que conheceram uma viuvez prematura, comprometeram-se – em comunhão com o seu marido já junto de Deus – a não voltarem a casar-se, a guardar o voto de castidade, para a salvação dos casais, para a felicidade dos casais e das famílias.** Foi certamente preciso tempo para que esse compromisso, reconhecido pela Igreja, pudesse ser pronunciado: tempo para a paz chegar, para



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

perdoarem ao cônjuge que tinha partido... sobretudo para que o apelo do Senhor ocupasse todo o espaço.

Caminho de santidade na sequência do matrimónio, a viuvez é uma etapa antes da plenitude na eternidade do amor de Deus. O Pe. Caffarel sugere uma imagem para esta etapa: *«Quando morre um dos cônjuges, cessam os vínculos sacramentais: é como os andaimes de uma casa que caem. Fica o amor»*. A viuvez é a etapa do amor à espera da plenitude no céu de Deus. **Se o matrimónio é o sinal da aliança de Cristo e da Igreja, a viuvez é o sinal da Igreja que espera o regresso do seu divino Esposo na glória.**

1943. O Pe. Caffarel enviou muitos documentos sobre a viuvez ao Papa Pio XII. A 6 de Setembro de 1957, por ocasião das Jornadas Familiares Internacionais, num discurso, Pio XII declarou:

«Longe de destruir os laços do amor humano e sobrenatural contraídos pelo matrimónio, a morte pode aperfeiçoá-los e reforçá-los. Sem dúvida, a instituição matrimonial deixa de existir, mas o que constitui a sua alma, o que lhe dava vigor e beleza, o amor conjugal com todo o seu esplendor e os seus votos de eternidade subsistem como subsistem os seres espirituais e livres que se entregaram um ao outro.

Se já o sacramento do matrimónio, símbolo do amor redentor de Cristo pela sua Igreja, aplica ao esposo e à esposa a realidade desse amor, então a viuvez torna-se, de alguma maneira, o resultado dessa consagração mútua; representa a vida presente da Igreja, privada do seu Esposo celeste, a quem, no entanto, permanece solidamente unida, caminhando para Ele na fé na esperança, vivendo desse amor que a sustenta e esperando com impaciência o cumprimento das promessas iniciais.

Tal é grandeza da viuvez quando vivida no prolongamento das graças do matrimónio e na preparação do seu desabrochar na luz de Deus...».

Para concluir este capítulo sobre a viuvez, olhemos para o céu! O Pe. Carré, dominicano, que trabalhou muito com o Pe. Caffarel, chama aos esposos **«Companheiros de eternidade»**. No céu praticam-se os dois mandamentos entregues no baptismo: ama-se a Deus e ama-se o próximo como a si mesmo! O amor, que a eternidade não pode esgotar, o amor basta, pois Deus é amor. Poderemos finalmente olhar-nos sem, contudo, esgotar as descobertas, estimar-nos sem, contudo, andar em torno do outro, numa palavra, poderemos amar-nos à medida do coração de Deus.

IV. Os Intercessores

Um barco sem quilha não é sólido e corre o risco de se perder. O Pe. Caffarel quer que as Equipas de Nossa Senhora possam ser conduzidas pela oração. Citemos aqui o apelo que, em Março de 1960, lançou aos Casais de Nossa Senhora.

«Ficareis, certamente, surpreendidos se vos confessar estar atento a tudo o que me pode informar sobre a vitalidade das nossas equipas, temendo o que a pode comprometer. Perante o seu rápido crescimento, tenho actualmente as reacções de um pai e de uma mãe na presença de um adolescente

*que cresce demasiado depressa: para que o crescimento não ocorra em detrimento da robustez, há que velar de muito perto pela sua alimentação. Por isso, estou preocupado com a alimentação espiritual das nossas Equipas. Penso que, neste momento, ela exige um suplemento de oração. De facto, solidez, vitalidade, força de expansão, alimentam-se na oração. **Lanço um apelo urgente a voluntários:** desejo profundamente que todas as noites, sem interrupção, entre a meia-noite e as seis horas, haja casais que se revezem na oração. Proponho a esses voluntários que se comprometam a fazer uma hora de oração durante a noite uma vez por mês, marido e mulher, juntos, na medida do possível. Estou convencido de que o Movimento (as Equipas de Nossa Senhora) tem necessidade disso e beneficiará imenso com isso».*

A resposta esteve à altura do pedido do Pe. Caffarel. Assim nasceram os “Veladores”, que, mais tarde, adoptaram o nome de «**Intercessores**», que constituem a quilha das Equipas: rezam pelos casais e por todas as suas intenções. Presentes em todos os continentes, rodeiam o mundo com a sua insistência junto do Senhor, para que Ele abençoe esta terra e, em particular, os casais. Os Intercessores são para as Equipas de Nossa Senhora o que são os mosteiros nas dioceses – presença orante.

Conclusão

A espiritualidade conjugal, como bem se percebe, diz respeito aos esposos a caminho para Deus. Deus está no princípio, na origem do amor conjugal, acompanha-o e fortifica-o e é a sua finalidade. Deus é amor, centro de toda a espiritualidade e, claro, da espiritualidade conjugal. Para ajudar os casais, tivemos o Pe. Caffarel, apóstolo do sacramento do matrimónio, ele que não procurava senão Deus. Para concluir, permitam-me que cite uma vez mais o Pe. Caffarel, que nos fala da oração conjugal.

«A oração conjugal é um dos meios privilegiados em que o casal se abre à acção do Espírito Santo. Na verdade, não se deve apresentar o casal como duas metades de uma esfera que, aproximando-se, formam um todo bem fechado, mas antes como duas metades de uma taça que se unem para se oferecerem à efusão do Espírito Santo. [...]

«Há que ir ainda mais longe e sublinhar o laço que existe entre a oração do casal e o sacramento do matrimónio. A oração conjugal é o tempo forte do sacramento do matrimónio. Escutemos quatro frases de quatro casais diferentes:

- “Na oração conjugal é como se nos casássemos de novo”.*
- “A oração conjugal é um prolongamento do nosso sacramento do matrimónio”.*
- “Uma das suas razões de ser é que mantém em nós a graça do matrimónio”.*
- “É como se todas as noites voltássemos a dizer o sim sacramental”.*

«Por nada deste mundo faltai a este “encontro sacramental” que é a oração conjugal cristã: Deus aí vos espera» (Conferência às Equipas de Nossa Senhora, 1980).

Pe. Paul-Dominique MARCOVITS, o.p.